

NIETZSCHE E “A ARTE DA NUANCE”: SINUOSIDADES E AGUÇAMENTO NAS TRILHAS DA FILOSOFIA DO EXPERIMENTADOR

PATRÍCIA BOEIRA DE SOUZA¹; CLADEMIR LUIS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – patiboeira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste texto temos por objetivo apresentar um dos aspectos constitutivos da pesquisa de tese sobre as Sabedorias do corpo em Nietzsche. Para versar sobre essa questão, tangenciamos alguns aspectos da filosofia do espírito livre nos escritos intermediários, bem como no livro *Além do bem e do mal*. Indo além da dinâmica do espírito livre e da filosofia do experimentador nesses escritos anteriormente mencionados, relacionamos algumas considerações de *Crepúsculo dos Ídolos* sobre traços dionisíacos e a dimensão sensorial que somados evidenciam inteligências possíveis de serem acionadas, oriundas de práticas do pensamento, e das artes da expressão. Nesse ínterim, saber ver e sentir as nuances, acolher o incapturável, os “entretons” nas experiências e vivências.

Em *Nietzsche e o Problema da Civilização*, Patrick Wotling, na introdução do livro, ao tratar do problema da inteligibilidade dedica-se a explicitar um dos importantes traços da filosofia de Nietzsche: as **nuances**, como a “própria especificidade de seu experimento de pensamento” (WOTLING, 2013), bem como, a melhor aquisição da vida, ou seja, desejável no nível da experiência do pensamento pessoal, assim como se inscreve como eficiente estratégia metodológica na experiência do conhecimento. A nuance como estratégia de ver as camadas, perceber a multiplicidade e os jogos de força que operam na construção de um pensamento, de um acontecimento. Além disso, é fundamental observar a relevância da questão da nuance na camada da linguagem, na dimensão da linguagem – e no caso, da expressividade filosófica nietzscheana, o recurso “aforismo” que “procede por remissões, detalhamentos sucessivos, multiplicando os pontos de vista sem se limitar em adicioná-los” (WOTLING, 2013).

A **nuance** é também a realização de movimentos minuciosos do pensamento, bem como experiência e expressão de estados fisiopsicológicos variados, expressões de inquietude daquele que quer conhecer e ir ao fundo das coisas; como por exemplo, um “tipo” que surge de *Aurora*: aquele ou aquela que vai às profundezas, no sentido do que “perfaz caminhos próprios” (NIETZSCHE, 2016) e no sentido indissociável da investigação, por exemplo: sobre os juízos morais como constitutivos de sociedades e como o instinto é por eles transformado; no sentido da filosofia do **experimentador** – que também quer reverter perspectivas e desenvolturas fisiopsicológicas adoecedoras em si mesmo, e promover novos modos de estimar. Tal arte da nuance, nos escritos intermediários surge como movimento interno nos aforismos, inflexões que proporcionam a compreensão de sutilezas, assim como está associado a tarefa daquele que quer ser experimento e provocar seu próprio conjunto de crenças; a tarefa do investigador, também de inevitável profundidade, ao modo do ser subterrâneo de *Aurora* “olhando para trás e para adiante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados” (NIETZSCHE, 2016). Nesse ponto se refere a tarefa do filólogo. Ademais, articulamos a essas questões a passagem do

parágrafo 7 de *Incurções de um extemporâneo*, do livro *Crepúsculo dos ídolos*, que ao tratar da questão da observação na dimensão do psicólogo, diz que ficar à espreita da realidade e levar toda noite para casa curiosidades gera desassossego, pois a natureza, bem como as vivências sempre deixam lacunas (NIETZSCHE, 2006). Logo, a experimentação se enriquece na medida em que também seja vivida artisticamente. Nesse caso em que estamos construindo uma perspectiva sobre a arte da nuance, que essa também possa mobilizar o que Nietzsche escreve sobre o dionisíaco no registro da pessoa, uma prontidão que reage, que quer entender sugestões, não ignorar nenhum indício de afeto, pois “ele entra em toda pele, em todo afeto: transforma-se continuamente (NIETZSCHE, 2006). Caso soe uma prática solipsista, ensimesmada e solitária, lembremos, não há experimento sem as tramas no mundo, sem relação com as coisas do mundo.

“É típico do espírito livre a nuance”, assim escreve Nietzsche no aforismo 28 do capítulo sobre o espírito livre de *Além do bem e do mal*. Saber experimentar nuances; um modo de proceder, um aguçamento do pensamento, um aguçamento sensorial, uma experiência de escuta, solidão e silêncio. Além disso, a admissão de camadas, querer ver as coisas que se somam. A arte da nuance é um artifício humano, uma sabedoria possível. Tal evidenciação da arte da nuance como algo propositivo, se inscreve na esteira do fazer filosófico: querer ver, pressupor, realizar cálculos existenciais e admitir e investigar as camadas que podem constituir, por exemplo, um acontecimento, uma cena existencial, ou mesmo querer ir ao fundo e entender o que de fato está implicado quando algo se fala, a palavra e seus sentidos, seus engessamentos. *É como querer compreender e poder gerar consistências.*

2. METODOLOGIA

Pesquisa de natureza bibliográfica. Para tanto, tratamos de tais questões a partir dos escritos filosóficos de Nietzsche, mais especificamente, desde as obras intermediárias, *Além do Bem e do Mal* e *Crepúsculo dos Ídolos*. Nossa metodologia possui traços do método cartográfico desenvolvido por Deleuze e Félix Guattari.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um hábito bastante comum, devido a somação de perspectivas, afetos, crenças que já tendencialmente somos, nossa tendência repetitiva, seja ela constituída de quais sejam os valores e crenças e descrenças, costuma, ou tem por hábito realizar juízos, mensurar, estimar (e estimar no sentido mais propositivo como aparece em Zaratustra, por exemplo). A arte da nuance talvez não seja algo apenas a servir à investigação filosófica, de perscrutar, mas também e principalmente uma sabedoria da escuta e da assimilação, e dos processos de incorporação (*Einverleibung*) disponível a todo e qualquer vivente. A compreensão de que, quando escutamos algo de alguém, quando estamos em uma vivência de estranhamento, ou quando somente “fluímos”, uma corporeidade se coloca e assim a arte da nuance surge como um interessante elemento para a (o) filósofa (o). Mas, que tal arte recaia sobre a generosidade da escuta, generosidade na inteligência de ser “maduro e doce” (NIETZSCHE, 2015) ao se deparar com as intempéries e com as vastas experiências na terra. Não se quer como uma relativização, mas sim

como uma espécie de transbordamento dos sentidos desde a multiplicação de pontos, como um refinamento, aguçamento que não se precipita, mas que tem gosto pela experimentação. Tais considerações constituem algumas das discussões do trabalho de tese. Nesse texto, não acessamos todos os pontos e conceitos, mas evidenciamos alguns deles com fins de tecer a partir de indicações – ainda que sejam difíceis de serem circunscritas sistematicamente - a *práxis* filosófica nietzscheana.

4. CONCLUSÕES

Consideramos que “a arte da nuance” resguarda uma postura experimental, em que as nuances e o experimentalismo, bem como a questão do perspectivismo estão imbricadas em seu proceder e são constitutivas no processo de aprendizagem e sabedoria que intentamos evidenciar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano I**. São Paulo: Ed. Companhia de Bolso, 2015.
- WOTLING, P. **Nietzsche e o problema da civilização**. São Paulo: Barcarolla, 2013.